

“SAPATÕES”, “GAYS”, “BAITOLAS”, “MENINAS”, “BONECAS”, “TRAVESTIS” E “GILETE”: OS DISCURSOS DA HETERONORMATIVIDADE NOS JORNAIS O RIO BRANCO E GAZETA DO ACRE/A GAZETA (1980-1990)

Samyr Alexssander Farias Leite¹

RESUMO

O presente estudo discute como os discursos relacionados à heteronormatividade são instrumentalizados na produção de dizibilidades e visibilidades nos discursos de mídia para os indivíduos que não se encaixam nas expectativas hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade: lésbicas, gays, bissexuais e travestis. O *corpus* da pesquisa são as narrativas publicadas nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* no período entre 1980 a 1990 na capital do Estado do Acre. Para a problematização das fontes, fez-se necessário dialogar com as reflexões realizadas por Michel Foucault (1988), Judith Butler (2002; 2015), Guacira Lopes Louro (2000), Berenice Bento (2006), além de outros críticos que contribuem nas discussões sobre as concepções de análise do discurso, discursos de mídias, gênero, identidade e sexualidade.

Palavras-Chave: Gênero. Sexualidade. LGBTIs. Amazônia acriana.

"SAPATÕES", "GAYS", "BAITOLAS", "MENINAS", "BONECAS", "TRAVESTIS" AND "GILETE": THE SPEECHES OF HETERONORMATIVITY IN THE NEWSPAPERS O RIO BRANCO AND GAZETA DO ACRE /A GAZETA (1980-1990)

ABSTRACT

The present study discusses how discourses related to heteronormativity are instrumented in the production of visibilities and invisibilities in media discourses for individuals who do not fit into hegemonic expectations for gender and / or sexuality: lesbian, gay, bisexual and transvestite. The corpus of the research is the narratives published in the newspapers *O Rio Branco* and *Gazeta do Acre / A Gazeta* in the period between 1980 to 1990 in the capital of the State of Acre. For the problematization of sources, it was necessary to dialogue with the reflections made by Michel Foucault (1988), Judith Butler (2002, 2015), Guacira Lopes Louro (2000), Berenice Bento (2006), and other critics who contribute in the discussions on the conceptions of discourse analysis, media discourses, gender, identity and sexuality.

Keywords: Gender. Sexuality. LGBTIs. Acriana Amazon.

Esse artigo apresenta, em linhas gerais, as conclusões de pesquisa que produziu a dissertação “*Sapatões*”, “*Gays*”, “*baitolas*”, “*meninas*”, “*bonecas*”, “*travestis*” e “*gilete*”: *Os discursos da heteronormatividade nos jornais O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990)*, desenvolvida no Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC). O objetivo do estudo foi o de

¹ Graduado em História (Licenciatura) e Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

analisar como um discurso hegemônico acerca do gênero e da sexualidade era instrumentalizado na construção de sentidos nos discursos de mídia sobre as pessoas identificadas como lésbicas, gays, travestis e bissexuais, tendo por fontes para análises as narrativas veiculadas nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* no período de 1980-1990.

A heteronormatividade diz respeito não a uma forma imposta para o exercício da heterossexualidade, uma norma padrão de “ser” hétero, ou como sintetiza Larissa Pelúcio, “não é uma norma hétero que regula e descreve um tipo de orientação sexual” (PELÚCIO, 2009, p. 30). Antes, se refere a uma norma que articula diversificados polos de poder para construir a heterossexualidade como única prática sexual organizada, coerente e saudável, garantindo-lhe posição social e cultural privilegiada. Considera Miskolci:

A heteronormatividade expressa às expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade (CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p.24). Muito mais do que o aperçu de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 157).

A perspectiva da heterossexualidade como norma nos permite compreender como uma matriz hegemônica de inteligibilidade cultural dos gêneros orienta uma hierarquização dos sujeitos, ao estabelecer como *gêneros inteligíveis* aqueles que se expressam por uma pretensa continuidade entre sexo-gênero-desejo e como não inteligíveis os que rompem com essa lógica de coerência e são significados enquanto falhas e anormalidades que não deveriam existir (BUTLER, 2015).

Conforme Louro (2000), “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura” (LOURO, 2000, p. 06). Dessa perspectiva, os corpos, os gêneros e as sexualidades não são fatores “evidentes”, mas emergem como objetos/sujeitos engendrados por inúmeros discursos que circulam socialmente e produzem efeitos de verdade.

As mídias operacionalizam uma pedagogia da sexualidade no conjunto de discursos que difunde e produz sobre os corpos, enquanto instância pedagógica do cultural (LOURO, 2000). Uma pedagogia formulada a partir de imperativos de geração, raça, nacionalidade, classe e etnia, e que estabelecerá posições-de-sujeito para os indivíduos e “verdades” para abordar as práticas afetivo-sexuais, fazendo-se necessário observar que, “em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2000, p. 09).

Por meios de múltiplas estratégias, busca-se fixar uma identidade masculina ou feminina “normal”, pensada hegemonicamente sob a figura da heterossexualidade. Uma posição de sexualidade que exige a produção de sujeitos com claras distinções e atributos: meninos e meninas, homens e mulheres (LOURO, 2000). As instâncias que operam uma pedagogia da sexualidade (escola, igreja, mídia, justiça, etc.) articulam uma escolarização do corpo, que produzirá masculinidades e feminilidades, num investimento sobre sujeitos para que exerçam um controle de si, que os habilite com a capacidade de se expressar como alguém portador de um gênero inteligível. Considera Parker (2000):

O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam. (PARKER, 2000, p. 96).

Parker (2000) articula em sua postulação como os sujeitos, com gêneros, são produzidos através de processos de socialização, onde noções, que adquirem aqui um sentido de normas sociais, orientam os indivíduos a “aprender” como se posicionar enquanto sujeitos de desejo, sentimentos e práticas, consideradas as possibilidades existentes nas culturas.

Desse ponto de vista, a sexualidade é produzida como sendo um dispositivo histórico (FOUCAULT, 1988). Um conjunto heterogêneo de discursos e instituições articulados numa rede de poder-saber que irá caracterizar esse dispositivo e, por consequência, atuar na constituição de sujeitos classificados, categorizados e espeziñados por sexualidades: heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Diversas

posições de subjetividade serão abordadas por este campo de regularidade definido por sexualidade, que tem por razão de ser “o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 118).

As “verdades” produzidas para os sujeitos a partir de suas sexualidades serão articuladas e possibilitadas por complexas relações de poder-saber. O indivíduo será autenticado pelo discurso de verdade que é capaz de ter sobre si mesmo, num processo de assujeitamento que o torna significado. Como aponta Foucault, à “história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos” (FOUCAULT, 1988, p. 78). Segundo Jeffrey Weeks (2000), a importância do argumento de Michel Foucault:

(...) é que ele questiona, fundamentalmente, a ideia de que a regulação social submete ao controle tipos pré-existentes de ser. O que, de fato, ocorre é que uma preocupação social generalizada com o controle da população faz surgir uma preocupação específica com tipos particulares de pessoas, que são simultaneamente evocadas e controladas dentro do complexo "poder-saber" (WEEKS, 2000, p. 36).

Os discursos hegemônicos orientarão a formulação de narrativas e a percepção das relações entre os indivíduos produzindo regimes de verdade e normatizações, operando na emergência de sujeitos, objetos e conceitos. Partindo da percepção dos discursos, os textos jornalísticos se revelam como fontes ricas para análises de operação das concepções hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade, considerando que a imprensa deve ser tomada como “uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais” (MACIEL, 2004 apud CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Por esse viés, pode-se perceber que havia lugares nos discursos de mídia veiculados nos jornais pesquisados reservados aos sujeitos homossexuais, bissexuais e heterossexuais, como também para aqueles que subvertiam as significações binárias para o gênero e a sexualidade, constituídos enquanto “não humanos” e um paradoxo a significação do mundo que toma (ou torna) como “natural” a existência estrita de corpos e identidades “coerentes” a uma continuidade entre sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2015).

As narrativas veiculadas nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*, produziam uma percepção de “real” que organizava e categorizava os sujeitos por meio de recortes de gênero, sexualidade, etnia e classe social. A invenção por parte de inúmeros textos de um “mundo gay acreano” acena para como os sujeitos que não correspondiam às expectativas de uma heterossexualidade “natural” e presumida eram narrados, no geral, em colunas relativas ao crime e a repressão, ou eventualmente, nas seções destinadas ao jornalismo cultural, em eventos “carnavalescos” e “bailes”.

Ao longo da pesquisa foram coletadas 225 narrativas de diversos gêneros. Desse total, 102 (45,33%) foram localizadas nas seções de polícia, sendo que desse número, 32 (31,37%) faziam referência à expressão “mundo gay acreano”. De forma qualitativa o que poderia nos indicar o uso dessa designação para significar sujeitos que não correspondiam as heteronormas?

Os sujeitos tecidos como partes integrantes dessa dimensão minoritária “gay”, em contraponto a uma maioria “heterossexual” da cidade de Rio Branco (AC), eram narrados como desviantes, estereotipados e marcados pela sexualidade. O mundo gay acreano funcionava como o exterior constitutivo de uma esfera heterossexual, pois, como assinalava Butler ao caracterizar os “exteriores constitutivos” das diferenças que se inter-relacionam e significam, era “densamente povoado por aqueles que não gozam da hierarquia dos sujeitos” (BUTLER, 2002).

A esfera heterossexual jamais seria marcada ou claramente dita, pois gozando de um status de “naturalidade” e “normalidade” não necessitava ser referenciada, como seu “Outro”, o mundo gay, constituído como posição de diferença e abjeção que permitia a significação positiva de seu reverso ou contraponto. Em nenhuma das narrativas coletadas em pesquisa se fazia referência a um “mundo heterossexual”.

Como produzido nas páginas policiais dos jornais nos anos 1980, o “mundo gay acreano” era visibilizado por discursos de mídia sensacionalistas. O jornalismo sensacionalista é um gênero que se caracteriza pela forma diferenciada de construção das narrativas, onde se busca produzir efeitos de insólito e extravagante, recorrendo de maneira incisiva à linguagem clichê (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995). Importa ressaltar que a definição de insólito e extravagante remete para um conjunto de valores e domínios culturais e sociais, sendo que o significado nas narrativas como “sensacional” por seu caráter “grotesco”, “anormal” ou imprevisível está repercutindo práticas e vivências de materialidade irredutíveis e sua definição nesses termos, aponta para

campos de poder e dominação, definidores das possibilidades de (re) apresentar o mundo e seus seres.

Desse modo, os discursos sensacionalistas emergem como produtores de realidades com base em condições discursivas que permitem sua existência e a forma de dizer as coisas e sujeitos como dizem. Quando uma narrativa sensacionalista significa experiências fora das percepções hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade em termos depreciativos e marcados por juízos de valor é porque participa de um campo discursivo que permite a inteligibilidade destes sentidos como credíveis.

Os efeitos de insólito e extravagante nas narrativas que envolviam sujeitos dissidentes das heteronormas, nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*, eram elaborados na incisiva marcação da sexualidade, na identificação dos indivíduos enquanto “gays”, “homossexual”, “lésbica”, “sapatão”, “menina”, “gilete” e “travesti”. A orientação sexual ocupava posição de destaque nas notícias, na maioria dos casos eclipsando o evento “base” dos textos, conforme exemplos a seguir:

O impossível aconteceu ontem no bairro Aeroporto Velho quando o elemento Francisco Luiz Pereira da Silva (27 anos), **conhecido no mundo gay** por “Bianca” teve um ataque de machismo durante a noite de anteontem (...). (Trecho da notícia “**Gay** tem recaídas e ataca menores com violência”, jornal *O Rio Branco*, 19.09.1986, edição nº 2932).

O homossexual Luís Fernandes da Costa, mais conhecido no mundo gay como “Bianca”, residente na rua Isaura Parente, foi liberado do xadrez da Delegacia do 3º Distrito Policial (...). (Trecho da notícia “Valente, Bianca tenta matar rival a facadas”, jornal *A Gazeta*, 01.11.1988, edição nº 872).

Foi liberado na tarde de ontem do xadrez da Delegacia Especializada de Roubos e Furtos, o enfermeiro Carlos Augusto Pereira de Sousa, 37 anos, solteiro, residente no Bairro Cadeia Velha. **Conhecido no mundo gay por “Carla”, o homossexual foi preso** (...). (Trecho da notícia “Carla espanca amante que não tinha grana”, jornal *A Gazeta*, 17.03.1989, edição nº 984).

RAIMECK VOLTA AO XADREZ PARA MATAR AS SAUDADES

O homossexual Sérgio Roberto Lima da Costa, (...) mais conhecido pelo nome de guerra, Raymeck, Úrsula Simpson ou Jordana Salorran, foi recolhido na madrugada de ontem pelos agentes da Delegacia Especializada de Roubos e Furtos no Tucumã, onde passou o final da madrugada muito aborrecido.

Desta vez **o gay Raimeck** não aprontava desordens pelas vias públicas, ou ocasionava atentados ao pudor com seus famosos “streak teases” pela cidade pois, segundo consta no registro da delegacia, ele foi preso por suspeita de furto, sendo liberado por volta das 7 horas da manhã de ontem com a chegada do delegado de plantão. (Jornal *Gazeta do Acre*, 24.07.1986, edição 219).

A narração sensacionalista aliava a descrição de um ato “infrator” da lei à sexualidade dos sujeitos visando produzir um potencial de captação de público para as notícias, construindo a percepção de que determinados sujeitos e expressões de sexualidade eram desordenadoras do social por si mesmas, fator não percebido quando sujeitos presumidamente heterossexuais eram os “personagens” dos textos. A significação dos sujeitos a partir de uma identidade sexual “anormal” garantia à atenção a notícia e seu potencial de “sensacional”, sendo que as identificações de “gay”, “travesti”, “bicha” e “sapatão” costumavam deslocar as de “homem” e “mulher” dos sujeitos.

Segue algumas das manchetes usuais dos jornais pesquisados: “**Gay** tem recaídas e ataca menores com violência”, *O Rio Branco*, 19.09.1986, edição nº 2932; “**Boneca** foi recolhida por afanar som”, *O Rio Branco*, 06.05.1981, edição 1209; “**Gays** dão catrepe no motel após uma noite de orgia”, *O Rio Branco*, 10.12.1981, edição 1476; “**Travesti** apanha na cara do amado do coração”, *O Rio Branco*, 12.12.1980, edição 1097; “**Homossexual** ataca tacacazeira”, *O Rio Branco*, 20.08.1980, edição nº 1006); “**Boneca** fala grosso e vira assaltante”, *O Rio Branco*, 28.01.1981, edição nº 1161); “**Lésbica** assassinou companheira”, *O Rio Branco*, 27.09.1981, edição nº 1421; “**Bicha** rural cura porre no 3º DP”, *Gazeta do Acre*, 10.05.1988, edição nº 727; “**Boneca** Bianca acusada de roubar na casa de juiz”, *A Gazeta*, 10.02.1989, edição nº 954; “**Lésbica** bate em menina que lhe negou seu amor”, *A Gazeta*, 23.04.1989, edição nº 1013.

Os referentes “homem” e “mulher” não eram usuais nas narrativas dos jornais fontes para significar os sujeitos que não correspondiam às normativas heterossexuais para o gênero e/ou sexualidade. O uso dessas identificações somente parecia caber aos sujeitos que não desestabilizavam determinadas convenções sociais para os gêneros e/ou sexualidades, remetendo-se a uma posição de heterossexualidade sempre presumida, em contraponto as outras identidades, significadas como potencialmente infradoras.

Ao longo do processo de pesquisa, pode-se auferir que era corrente apresentar os sujeitos do gênero masculino por suas ocupações profissionais, maneira não usual de se proceder com aqueles do gênero feminino ou identificados como “gays”, “lésbicas” e “travestis”. A ocupação profissional referenciada posicionava o sujeito com *status* de utilidade social, contrapondo-o aqueles que pareciam não exercer atividades “produtivas” para a sociedade.

No recorte temporal pesquisado (1980-1990), “gays”, “sapatões”, “travestis”, “mariposas” e “hippies” seriam posicionados como contraponto aos sujeitos “decentes”, personificados como aqueles identificados enquanto “senhoras de família”, “estudantes” e “crianças”, como faz circular a narrativa “Área de lazer vira antro”, veiculada no jornal *O Rio Branco*, edição 1039, de 30.09.1980.

Os espaços públicos na capital do Acre seriam idealizados sem a presença de determinados sujeitos, entretanto os “indesejáveis” insistiam em existir e partilhar dos locais de ampla sociabilidade na cidade, como a Praça Plácido de Castro². “Desfilando” com suas performances corporais e sexuais “subversivas”, num “trottoir” que era sensacionalizado pela imprensa local, que potencializando vozes sociais conservadoras, produziam inúmeras “notas editoriais” solicitando as autoridades policiais à regulação dos espaços públicos, preferencialmente coibindo a presença de “gays”, “travestis”, “mariposas” e “hippies”, afastando-os para espaços considerados apropriados as suas condutas. Apresentam-se algumas das narrativas produzidas sobre essa questão:

BAGUNÇANDO A PRAÇA

A Boite “Espanta Cão” começa a ser substituída no noticiário policial em termos de importância pela Praça “Plácido de Castro”, de onde todos os dias, ultimamente, os livros de ocorrência da Central de Polícia registram fatos nada recomendáveis lá acontecidos. Seria de bom alvitre que a polícia desse um apertão naquelas redondezas, onde na parte noturna se tornou ponto de encontro de mariposas, marginais e membros da fauna do mundo “Gay”. É bom cortar o papagaio enquanto não está muito alto, ademais aquilo ali deve servir como recanto de lazer e nunca de violência. Tão bagunçando a praça Plácido de Castro. (Jornal *O Rio Branco*, 12.08.1980, edição nº 999).

ÁREA DE LAZER VIRA ANTRO

A principal área de lazer na capital acreana que é a praça defronte ao Quartel da PM, há muito deixou de ser um local apazível para as famílias se deliciarem nos fins de semana. O que se vê muito por ali são prostitutas, pederastas e hipies, que infernizam a vida das pessoas decentes que por ali transitam. Estudantes, senhoras e crianças evitam passar pelo local depois das 21 horas onde a barra se torna super pesada. No último domingo, na hora da chuva, 3 hipies tomavam banho totalmente nus defronte ao monumento de Plácido de Castro, pode? (Jornal *O Rio Branco*, 30.09.1980, edição nº 1039).

² Conforme histórico disponibilizado em site do Governo do Estado do Acre: “Até os anos 20 essa praça não existia, o local era apenas uma área de campo do antigo seringal Empreza situada no final da zona urbana de Rio Branco. No governo de Hugo Carneiro (1926-1930) a área deu lugar a construção do prédio da Polícia Militar e ao Presídio Ministro Vicente Rao (atual sede da Prefeitura de Rio Branco) que definiram os contornos da Praça Rodrigues Alves. Décadas depois a praça foi verdadeiramente urbanizada pelo Governador Guionard Santos e passou a ter seu traçado definitivo. Em 1964, em uma nova reforma empreendida pelo primeiro governador eleito pelo povo acreano, José Augusto de Araújo, a Praça Rodrigues Alves ganhou uma estátua do Cel. Plácido do Castro, comandante da Revolução Acreana e por isso passou a ser conhecida como Praça Plácido de Castro. Hoje, depois de uma existência de mais de 80 anos a velha praça, foi completamente reconstruída e modernizada, num gesto de atenção e carinho com este local tão especial e de nossa cidade”.

IMORALIDADE

A PM bem que poderia dar uma “prensa” na rapaziada que vem transformando a praça bem defronte ao QG da corporação num ambiente devasso depois das 22 horas. O local, transforma-se numa passarela de gays, sapatões e prostitutas, clientela digna de um inferninho de terceira categoria. Gente de família corta volta durante a noite para não presenciar cenas deprimentes, amor livre e outras aberrações mais. Não somos contra ninguém, mas é preciso mais descrição nas manifestações (Jornal *O Rio Branco*, 19.03.1982, edição nº 1549).

Um espaço público idealizado sob as marcas do “familiar”, tomando como base normatizadora a heterossexualidade reprodutiva e monogâmica, parecia ameaçado com a presença de “gays”, “sapatões”, “travestis”, “prostitutas” e “hippies”, sujeitos que ocupam o mais baixo nível numa hierarquia de respeitabilidade sexual por exercer sexo sem potencial reprodutivo e com finalidades lucrativas (RUBIN, 1984), sendo essa hierarquia produzida por uma série de discursos religiosos, científicos e jurídicos.

A existência desses indivíduos seria significada como negativa a partir das marcas de “bagunça”, “antro”, “imoralidade”, “aberrações”, instaurando-se uma espécie de ameaça moral-sexual a uma comunidade heteronormatizada, somente possível de ser contida pela ação policial, pela força do Estado na intervenção de determinadas práticas e “estilos” de vida, objetivamente contrapostos aos impostos pela ideologia judaico-cristã.

Nesse sentido, os jornais fontes dessa pesquisa com suas narrativas, ao compartilhar percepções morais conservadoras e preconceituosas, faziam circular desejos de expurgo de determinadas existências da esfera pública, contribuindo para uma vigilância social sobre os indivíduos e suas performances de gênero e/ou sexualidade, punindo aqueles que dissidiam das normativas hegemônicas com uma exposição negativa e estereotipada. Havia a produção de narrativas onde pessoas eram descritas, ou mais que isso, produzidas como “históricas”, “escandalosas” e unilateralmente significadas pela “erotização”.

A análise da narrativa “Raymeken rouba depois de receber cachê micho”, *O Rio Branco*, edição 2770, 06.03.1989, pode ser elucidativa sobre essa perspectiva:

RAYMEKEN ROUBA DEPOIS DE RECEBER CACHÊ MICHÔ

“Acho que fui atingida no traseiro pela cauda do cometa Halley, pois estou me sentindo feliz como nunca. Aviso aos invejosos que estou de alto astral e nem mil prisões farão com que eu mude minha personalidade”, assim proclamava na manhã de ontem, dengosamente Sérgio Roberto Lima da Costa (24 anos, solteiro, residente na Rua Rio Grande do Sul, s/nº), o homossexual Raimeken na Delegacia de Roubos e Furtos.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Conhecido travesti de Rio Branco, Raimeken, desta feita foi preso por roubar um relógio e um gravador Sharp, de propriedade do comerciante Francisco Soares Neto, que o denunciou a polícia.

“Não roubei, apenas peguei os objetos como pagamento de uma noite de amor, já que ele se recusou a me pagar depois de usar e abusar do meu lindo corpo”, disse o gay. (Trecho da notícia “Raimeken rouba depois de receber cachê micho”, jornal *O Rio Branco*, 06.03.1986, edição 2770).

Na notícia referenciada, a introdução é realizada por uma declaração do sujeito que parece deslocada da temática de roubo anunciada na manchete, sendo que somente no segundo parágrafo do texto, surgem informações mais precisas sobre o “delito” realizado. A referência a ser atingida “no traseiro pela cauda do cometa Halley” tem um tom cômico e pode-se ressaltar como essa suposta declaração de Raymeken, no início da notícia, tem ligação de sentido com a fotografia escolhida para ilustrar o texto, numa imagem em “posa” com as nádegas empinadas e usando uma calcinha fio dental:



Figura 01: Fotografia veiculada junto à notícia “Raymeken rouba depois de receber cachê micho”, jornal *O Rio Branco*, 06.03.1986, edição 2770.

Uma erotização do corpo de Raymeken é produzida. O texto o aborda como alguém que é “travesti conhecido” e pratica sexo por dinheiro, cruzam-se duas

identidades sociais que ocupam o mais baixo nível numa hierarquia de valoração dos atos sexuais, relacionadas à subversão das normas para o gênero e/ou sexualidade e a práticas sexuais sem finalidades reprodutivas e com finalidades econômicas (RUBIN, 1984). Essa figura “erotizada” corresponde ao sujeito construído pela narrativa jornalística, cabendo questionar nessa direção, se em alguma medida a imagem obtida pelo repórter fotográfico determinou a construção do texto.

Numa leitura mais ampliada que a proposta pela narrativa jornalística sobre Raimeken, pode-se considerar sua conduta e comportamentos “inapropriados” como atos com potência política. Ao se comportar como alguém que contraria as convenções hegemônicas para o gênero masculino, Raimeken desloca-se da posição de sujeito que as normas constituem para a inteligibilidade dos sujeitos designados “homens” ao nascer. Expressa outras corporalidades possíveis ao agregar a sua performance de gênero, atos e estilos não “esperados”, roupas e acessórios que “chocam” àqueles que estruturam suas percepções de masculino e feminino a partir de modelos conservadores.

A própria forma como a narrativa jornalística constrói o acontecimento é sintomática dessa potência subversiva do ato que constitui Raimeken como sujeito dissidente das heteronormas. Sua identificação como homossexual, é tecida a partir do foco nas suas relações afetivo-sexuais, com destaque para as nádegas como uma parte do corpo significada eroticamente nas relações homoafetivas, com Raimeken se posicionando como sujeito de desejo, mesmo que enfrentando o “olhar panóptico” que insiste em ridicularizar suas expressões desejanter e impor uma posição de abjeção. Raimeken produz política *queer* ao nomear suas experiências sexuais como “noite de amor”, mesmo que o jornalista da narrativa “Raymeken rouba depois de receber cachê micho” projete essa percepção com um ar de deboche.

Importa notar que o “mundo gay acreano”, inventado pelas narrativas jornalísticas, era marcadamente masculino e possuía caráter sintético e homogeneizador das experiências de diversificados sujeitos de gênero e sexualidade. Essa “dimensão” era elaborada a partir de uma percepção típica do período de produção das notícias analisadas, que posicionava sujeitos identificados como “gays”, homens homossexuais,

como sinônimo de todas as identificações de gênero e/ou sexualidade dissidentes das heteronormas³.

As mulheres identificadas como lésbicas não eram referenciadas, nas narrativas veiculadas nos jornais pesquisados, como pertencentes ou reconhecidas integrantes de um “mundo gay acreano”. No conjunto de 225 textos coletados, somente 19 (8,44%) se referiam a eventos envolvendo mulheres lésbicas. Sobre essas sujeitas se marcava uma visibilidade menor do que a direcionada aos homens “gays”, no entanto, não menos agressiva e estereotipada, sendo incisivamente elaborada por percepções relacionadas ao “pertencimento” dessas ao gênero feminino.

Um dos focos das notícias que se referiam a situações envolvendo mulheres lésbicas era a vivência de uma afetividade-sexualidade que independia da presença masculina. Essa independência seria narrada como ilegítima, sendo as relações entre as mulheres significadas enquanto “paixão danada”⁴, “papagaiada”⁵, “curiosa ocorrência”⁶. Havia um tom de surpresa nas notícias com as manifestações de homossexualidade feminina, com essa expressão de afetividade potencializada como “delito” social por existirem muitos homens disponíveis na cidade de Rio Branco (AC), não sendo, portanto, aceitável e compreensível o desejo dissidente das lésbicas.

A sexualidade feminina, socialmente tecida como “passiva”, deveria ter no elemento masculino o polo ativo e única possibilidade de “despertar”. Conforme elabora Borrillo (2015), a homossexualidade feminina foi sendo significada por discursos diversificados como uma “pseudo homossexualidade”, pois, somente se manifestaria com a ausência de sujeitos masculinos e como maneira “ocasional” de dar vazão aos desejos sexuais. Por esse viés, as mulheres não seriam capazes de manifestar

³ Em uma análise sociológica e histórica do movimento de minorias sexuais no Brasil, Regina Facchini (2002) pontua que no início das mobilizações de grupos organizados de “gays” e “lésbicas” no país, em finais da década de 1970, sujeitos do gênero masculino costumavam ocupar a linha de frente dos atos e manifestações, com presença minoritária de mulheres lésbicas e travestis. A pesquisadora ressalta as complexidades sociais e culturais que articulavam a presença menos incisiva de mulheres nesses movimentos, considerando as especificidades das identidades lésbicas a partir de considerações sobre o recorte do gênero. Em determinado sentido, essa presença mais massiva de homens gays nas movimentações públicas contribuiu para elaborar esse imaginário social que conecta “naturalmente” sexualidades e identificações de gêneros dissidentes com a homossexualidade masculina.

⁴ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Traída pela mulher sapatão promete matar querida”, 04.09.1987, edição 3216.

⁵ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Mundo virado: sapatões enciumadas são presas após tentarem matar uma menor”, 15.05.1986, edição 2826.

⁶ Jornal *O Rio Branco*, notícia “Polícia estraga tórrido amor de deus ‘sapatões’”, 17.04.1986, edição 2804.

afetividades lésbicas “verdadeiras”. Os textos nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*, no geral, apresentavam as seguintes asserções:

(...) **“Onde já se viu, numa terra como Rio Branco, onde tem macho pra chuchu, eu transar com uma mulher?”**, gritava a meretriz, indignada com sua má sorte (...). (Trecho da notícia Meretriz espanca lésbica que lhe passou cantada, jornal *A Gazeta*, 15.06.1989, edição 1056).

(...) As duas jovens se portavam inconvenientemente no “Forró do Sifrone”, onde segundo testemunhas trocaram tapas por causa de outra mulher (...). Formou-se um belo tumulto que culminou com as duas recolhidas ao xadrez do 6º DP. O soldado PM Francisco Roberto Vicente, que estava bêbado, insistiu em ser preso e terminou por conseguir seu objetivo, sendo mais tarde entregue a uma patrulha que passava pelo local, **pois queria “recuperar” as ruas ralas cocos da mania de fabricarem sabão**. (Trecho da notícia “Sapatões lutam no forró por ciúmes demais”, jornal *A Gazeta*, 12.11.1989, edição 1204).

Apesar de existir muito homem na praça, Odete e Maria Antônia resolveram se amar loucamente e que ninguém pode impedir esse amor alucinante. (Trecho de notícia “Policia estrada tórrido amor de ‘sapatões’”, jornal *O Rio Branco*, 17.04.1986, edição 2804).

A sexualidade feminina que dissidia da heterossexualidade deveria ser “reparada” por um elemento masculino, tanto no sentido de manter relações sexuais como efeito “recuperador” de um estado de sexualidade “normal”, quanto no de “moralizar” pela autoridade parental possíveis “desvios”. As figuras de pai e/ou irmão, marido e policiais aparecem referenciadas em diversas notícias, como elemento masculino capaz de afastar condutas sexuais consideradas inapropriadas para as mulheres.

Na notícia “Sapatão rouba a mulher do Paraíba” (*O Rio Branco*, 20.09.1988, edição 3507), o marido é descrito como o responsável por fazer cessar um suposto comportamento das mulheres, diz a narrativa: “Há vários dias o comerciante achou que deveria tomar as medidas cabíveis, **dando inicialmente uma surra em Maria do Socorro para que deixasse sua mulher em paz**”. Na narrativa de “Sapatão vira fera e quis bater na mãe e na polícia” (*O Rio Branco*, 24.10.1986, edição 2962): “(...) Maria de Fátima, que tem quase um metro e oitenta gosta mesmo é de mulher, **por isso sempre teve problemas com seu irmão mais velho, Francisco da Silva (23 anos)**”. No texto “Mundo virado: sapatões enciumadas são presas após tentarem matar uma menor”, afirma-se:

Mais uma vez as “bico largo 44” provaram que realmente se gostam e foram juntas para o xadrez onde estavam até a manhã de ontem aguardando o momento de falar com **o delegado Elon Batista de Mendonça, que ainda é**

do tempo que mulher só dava certo com homem. (Jornal *O Rio Branco*, 15.05.1986, edição 2826).

O “ajuste” das condutas reflete a posição de dominância do masculino sobre o feminino na hierarquia social e a desigualdade entre os gêneros, onde os desejos e corpos femininos são submetidos à apreciação masculina e, a partir dela, permitidos, validados e possíveis. Os desejos das mulheres tecidos como homossexuais eram reprimidos e referenciados como “anormais” e “inadequados”, mesmo quando expressos em espaços produzidos como de ampla permissividade sexual, como os chamados “inferninhos”, como narra a notícia “Polícia estraga tórrido amor de sapatões”:

Uma curiosa ocorrência foi registrada no 2º Distrito Policial, terça-feira à noite, quando agentes de plantão naquela distrital foram chamados ao bairro Quinze para atender um chamado e prenderam as jovens Maria Antônia da Silva (18 anos, solteira) e Odete Ferreira Braga (18 anos, solteira, residentes no bairro Taquari) que trocavam calorosas carícias num “inferninho” na zona de meretrício. **Diante da cena os policiais ficaram revoltados e levaram as “sapatões” para o xadrez.** (Jornal *O Rio Branco*, 17.04.1986, edição ,2804).

Conforme o texto, os agentes policiais “ficaram revoltados” e decidiram prender as mulheres, sem que elas cometessem qualquer crime previsto em lei, observando-se que trocavam carícias em um ambiente de ampla permissividade sexual, porém evidentemente restringida aos sujeitos heterossexuais. Os espaços dos “inferninhos” também são constituídos por discursos que ressaltam uma dominação masculina dos corpos e sexualidades. Os homens que frequentavam estes ambientes, de um ângulo generalista, estavam numa posição de “clientes” e na busca por companhia feminina, sendo considerado regular que mulheres estivessem “disponíveis” nestes espaços para encontros sexuais remunerados. Contudo, era possível também, encontrar nesses locais, mulheres que não praticavam somente sexo por dinheiro, mas que estavam em busca de diversão, amizades e prazeres outros, mas que eram significadas como “prostitutas” por não corresponder às expectativas que vinculavam às mulheres ao restrito espaço doméstico, casamento, sexo monogâmico e a maternidade.

Os “inferninhos” são espaços produzidos e também produtores de sujeitos. Conforme Marinho (2015), as narrativas jornalísticas que produziam visibilidade para questões relacionadas à prostituição feminina na cidade de Rio Branco (AC), articulavam um ordenamento dos espaços, onde sujeitos identificados como infratores de uma ordem social, narrados praticantes de atos “condenáveis”, eram levados a ocupar os locais delimitados por aqueles que exerciam o poder de comando do espaço público.

Nos “inferninhos” da cidade de Rio Branco, encontravam-se os sujeitos ditos de comportamento imoral, mas que mantinham ainda em suas relações sociais, traços de uma moralidade sexual hegemônica que não aceitava determinadas condutas e práticas. Mulheres trocando carícias com outras mulheres afetava uma expectativa sexual dos homens que ocupavam a “zona de meretrício”, a ponto de atrair atenção de moradores e ocasionar uma chamada à polícia, tendo os agentes “revoltados” prendido as “sapatões”.

Dentro de uma cidade ordenada por relações de poder marcadamente masculinas, as mulheres lésbicas não teriam possibilidade de existir nem em zonas inventadas como de ampla permissividade sexual, porque nelas havia também uma expectativa acerca desses sujeitos de gênero. Contudo, essas mulheres estavam presentes como apontam as narrativas jornalísticas coletadas em pesquisa, mesmo enfrentando uma considerável estigmatização e repressão social por parte de agentes da segurança pública.

Outras “intervensões” de sujeitos masculinos que requeriam uma espécie de efeito reparador de uma sexualidade “normal” para as mulheres lésbicas foram noticiadas pelos jornais. Práticas criminosas de estupro aparecem narradas quase como “naturais” e “punição” as mulheres que manifestavam desejos e afetividades dissidentes das heteronormas⁷. Se relações consensuais entre mulheres eram afetadas com punições e prisões eventuais, atos de violência sexual seriam abordados com naturalidade, narrados com tom de reprovação contra as vítimas e exposição antiética, sendo os agressores retratados como “tarados”, elementos de uma anormalidade “subjéctiva” e “individual”, numa perspectiva que ocultava à ligação dessas práticas violentas contra as mulheres a questões sociais e culturais mais amplas.

A figura do “tarado” serve aos objetivos do discurso jornalístico sensacionalista, pois se refere a um suposto comportamento “excessivo”, digno de notabilidade, contudo deve-se considerar que “o estupro (assim como os maus-tratos, o incesto, a prostituição, o assédio sexual no trabalho etc.) são fenômenos de uma estrutura de poder, a existente entre homens e mulheres” (ANDRADE, 2005, p. 95). A personagem do indivíduo infrator deve ser problematizada e seus processos de constituição como sujeito

⁷ Em texto da dissertação “Sapatões”, “Gays”, “baitolas”, “meninas”, “bonecas”, “travestis” e “gilete”: Os discursos da heteronormatividade nos jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990)*, se produzem análises de duas notícias de estupro praticado contra mulheres supostamente lésbicas, sendo essas: *Jornal A Gazeta*, notícia “Tarados atacam em grupo três mulheres, uma da PM”, 04.04.1989, edição nº 997; *Jornal O Rio Branco*, notícia “Tarados estupra, ‘sapatão’ na ponte”, 15.11.1988, edição nº 3558.

“criminoso-tarado” compreendidos a partir de complexas relações de poder atravessadas por questões de gênero, sexualidade, etnia e classe social.

Considerações finais

Assim, os discursos de mídia produziram um real que permitia significar os sujeitos e espaços da capital do Acre, evidente que articulando mapas culturais amplos, posto que produzindo “recortes” da realidade precisavam de um repertório de significados para dizer o que diziam e da forma como diziam. Os jornalistas, editores, repórteres fotográficos, proprietários dos veículos de comunicação são antes, durante, apesar e com tudo sujeitos sociais, atravessados por questões de gênero, sexualidade, etnia e classe social, e nesse sentido, expressam muito desses “locais” em suas estratégias discursivas.

Por esse viés, os discursos que significam os eventos materiais produzem densas e complexas realidades. Atuam de forma performática sobre os indivíduos e os materializam como sujeitos. Uma série de narrativas que produzem e preenchem os espaços ditos públicos articulam esse poder performativo das normas, a capacidade de “produzir os corpos de que fala”. As notícias dos jornais, as leis, músicas, filmes, novelas, livros ofertam aos sujeitos referenciais que mais do que “dar dicas” fazem circular projetos de humanidade, de homem, mulher e outras identificações de gênero, de desejo, prazer e resistências.

Nenhum discurso emerge de um lugar neutro e objetivo. Nenhuma narrativa coletada nos jornais fontes de pesquisa, mesmo construídas com um desejo de atender critérios “técnicos” de objetividade e neutralidade, são efetivamente “imunes”, pois “a linguagem (e os media) têm que ser encarados mais como agente estruturador do que como correia de transmissão neutra, que pode referir-se a um mundo de objetos não discursivos” (HACKETT, 2016, p. 157).

O jornalismo, nesse viés, é participante ativo na luta pela significação dos acontecimentos, não distorce os verdadeiros significados, mas produz significados que se tornam “verdade” por meio de complexas relações de poder-saber. Mesmo que uma percepção se imponha definindo os media noticiosos como agentes que agiriam contra um poder de “manipulação”, esses estão empenhados nas relações de poder e, de forma

geral, atuam eficazmente na “reprodução da vertente preponderante das ideologias dominantes” (HALL et. al, 2016, p. 318).

Não há nenhum implícito a ser considerado, não há nada escondido abaixo dos textos das notícias. Está tudo e nada nas próprias narrativas. Elas não são o discurso da heteronormatividade, mas ele é que permite que digam, o que digam e como digam, produzam personagens e estereótipos e construam significados credíveis a partir de um regime de verdade. Que condenem sem crime, que silenciem significados em favor de outros. Assim, é preciso questionar o evidente, o lógico e sempre perguntar: por que este discurso e não outro?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania Patriarcal: O Sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. **Revista Sequencia**, nº 50, p. 71-102, jul. 2005.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. Ed; Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na Oficina do historiador**: Conversas sobre História e Imprensa. Projeto História: História e Imprensa, São Paulo, v. 35, ago./dez. 2007.
- FACCHINI, Regina. **“Sopa de letrinhas”?- movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. 245 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias: o muggind dos médias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: Questões, Teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016. p. 309-344.
- HOCKETT, Robert A. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade no estudo dos médias noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: Questões, Teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016. p. 147-188.
- LEITE, Samyr Alexssander Farias. **“Sapatões”, “Gays”, “baitolas”, “meninas”, “bonecas”, “travestis”, “gilete”**: Os discursos da heteronormatividade nos jornais **O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990)**. 2018. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2018.

- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 07-34.
- MARINHO, Altaíza Liane. **Narrativas de papoucos, siribolos e pontapés: representações sobre prostituição em periódicos de Rio Branco**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e identidade) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2016.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.
- PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 125- 150.
- PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.
- RUBIN, Gayle. **Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes, revisão de Miriam Pillar Grossi. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sex.pdf?sequence=1. Acesso em mai. 2017.

NARRATIVAS JORNALISTICAS

- ÁREA de lazer vira antro. **O Rio Branco**, Rio Branco, p. 02, 30 set. 1980, edição 1039.
- BAGUNÇANDO a praça. **O Rio Branco**, Rio Branco, p. 02, 12 ago. 1980, edição 999.
- IMORALIDADE. **O Rio Branco**, Rio Branco, p. 02, 19 mar. 1982, edição 1549
- POLÍCIA estraga tórrido amor de duas sapatões. **O Rio Branco**, Rio Branco, 17 abr. 1986, edição 2804.
- RAIMECK, estrela em decadência no xadrez. **A Gazeta do Acre**, Rio Branco, 04 fev. 1986, edição 85.
- RAIMEKEN é presa e afirma que vai ser futura mamãe. **O Rio Branco**, Rio Branco, 15 dez. 1985, edição 2709.
- RAYMEKEN rouba depois de cachê micho. **O Rio Branco**, Rio Branco, 06 mar. 1986, edição 2770.
- SAPATÕES enciumadas são presas após tentar matar menor. **O Rio Branco**, Rio Branco, 15 jun. 1986, edição 2826.